

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VIII — Número 96

Dezembro de 1970



Malogro real do cristianismo?

II

O MUNDO EM CRISE

por A. Casaca

Este nosso extraordinário século vinte que abriu caminho no espaço para se chegar até à Lua perdeu a noção do seu verdadeiro caminho, nesta Terra, que é a sua verdadeira terra. «Presenciamos — escreve um cientista americano — uma revolução na filosofia científica, pelo menos, tão profunda como a que marcou as idades de Copérnico e de Newton, e que promete ter efeitos igualmente transcendentos». Apesar de tantas descobertas, a verdade é que o Homem continua sempre com os seus mesmos problemas que refinaram num oceano imenso de angústias e dores.

A humanidade avança febrilmente assustada por tudo quanto se passa à sua volta e que se resume numa única palavra: *transgressão*. Transgridem-se todas as leis, todos os convênios, todos os pactos e acordos tanto individuais como nacionais e internacionais, além da máxima transgressão da Lei de Deus.

As sombras que descem em torno da Humanidade não a impedem, porém, de atentar para o Livro Sagrado, onde pode encontrar a resolução de todos os seus problemas.

Levanta-se, porém, uma grave dificuldade: mas — dir-se-á — não temos à vista o fracasso, o malogro do Cristianismo? Não são bastantes mil e novecentos anos de História do Cristianismo para demonstrar que o Cristianismo não é divino ou não é capaz de encaminhar o homem para a felicidade que ele busca?

Que vemos — prosseguem as críticas — no mundo de hoje, povoado de seitas cristãs de todas as modalidades, todas elas intitulando-se cristãs, todas elas prometendo

a vida eterna, todas elas falando em nome de Jesus Cristo?

A crítica é certa e a objecção é pertinente.

Já há umas décadas atrás reboara por esse mundo fora o grito ateu de Nietzsche «Deus morreu».

O mundo civilizado, crente, estremeceu com a blasfêmia. Mas reagiu e as igrejas continuaram a encher-se de fiéis, prosseguindo com as suas cerimónias, com as suas doutrinas, com as suas práticas, muito embora num plano inclinado que resvala para a irremediável crise de autoridade em todos os domínios.

Não é, portanto, de estranhar, que se fale de Malogro do Cristianismo.

Aparentemente, não há dúvida que o Cristianismo fracassou. Basta olharmos para o que se passa à nossa volta; olhemos para o mundo moral; para o mundo social; para o mundo político; para o mundo juvenil; para o lar; para os sentimentos que animam os indivíduos, as famílias e as sociedades.

Temos a impressão de que o Cristianismo fracassou.

Importa, contudo, estudar bem o problema, antes de nos pronunciarmos. É o que faremos nos artigos seguintes.

Porque é que o Cristianismo fracassou?

Trata-se, de facto, do Cristianismo tal como foi ensinado por Jesus?!....

Visado pela Censura

...Vede como o Eterno é bom!...

Estamos a chegar ao termo de um outro ano, que em breve se vai perder na voragem do tempo... Mais um ano durante o qual tivémos as nossas alegrias, as nossas tristezas, as nossas lutas, assinaladas evidentemente, com derrotas e vitórias. Agora que maquiinalmente procuramos estabelecer o balanço moral e espiritual do que foi o ano que vai desaparecer, não acalentemos ilusões, por um lado, mas por outro, não nos entreguemos, também a lamentações vãs.

Se porventura com a ajuda do Senhor, pudemos gozar de certa prosperidade material e, principalmente, de boa saúde, tenhamos cuidado em não esquecer que tudo isso foi dádiva generosa do nosso bom Deus. Que Deus nos livre de dizer, ou pelo menos de pensar, como o insensato de que fala a Escritura Sagrada: «...a minha força e o poder da minha mão é que me adquiriram estas riquezas».

Pelo contrário, tenhamos bem na memória a expressão de Deuteronomio 8:18: «Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, que Ele é o que te dá força para adquirires poder; para confirmar o seu concerto, que jurou a teus pais».

Se, pelo contrário, fomos assinalados pela prova, quer na nossa saúde, quer nas nossas afeições, não percamos a coragem e, principalmente, não pensemos que Deus nos haja abandonado.

Lembre-mos do apóstolo Paulo quando exclamava, cheio de confiança na protecção divina: «Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada? Como está escrito: Por amor de Ti somos entregues à morte, todo o dia: fomos reputados como ovelhas para o matadouro. Mas em todas estas coisas, somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou. Por que estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os

principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor». (Romanos 8:35-39).

Podem surgir os Sambalats —que tem aparecido em todos os tempos — a pretender dificultar a obra do Senhor e, porventura, a atormentar os Seus filhos; não esqueçamos porém, a maneira como Nehemias respondeu às ciladas de Sambalat: «Os que edificavam o muro, e os que traziam as cargas, e os que carregavam, cada um com uma mão fazia a obra e na outra tinha as armas... Assim trabalhávamos na obra; e metade deles tinha as lanças, desde a subida da alva até ao sair das estrelas... E nem eu, nem meus irmãos, nem meus moços, nem os homens da guarda que me seguiam largávamos os nossos vestidos; cada um ia com as suas armas às águas». (Nehemias 4).

E quanto às nossas derrotas espirituais não permitamos que o inimigo se sirva delas, para nos prostrar! Talvez nos encontremos na situação do sumo sacerdote Josué, a quem satanás atormentava mostrando-lhe a sua indignidade, querendo convencê-lo de que estava definitivamente perdido. Deus, porém, na Sua graça infinita, está pronto a intervir em nosso favor, como já o fez a favor de Josué: «Eis que tenho feito com que passe de ti a tua iniquidade, e te vestirei de vestidos novos». (Zacarias 3:4) Também o apóstolo João nos recorda que «se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo». (I João 2:1).

É igualmente o próprio Deus quem nos convida a apresentarmos a nossa causa: «Vinde, então e argui-me, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda

Continua na pág. 12

Jesus está pensando na Sua próxima Vinda

por A. Casaca

Sabemos o que, presentemente, está fazendo, no céu, o nosso amoroso Salvador. Depois de haver resgatado a humanidade, subiu aos céus, onde, solenemente, foi entronizado, por Seu Divino Pai, que O sentou, na presença das legiões de anjos, à Sua direita. Assim se diz no Símbolo Niceo-Constantinopolitano que traduzem ainda incorrupto, a fé apostólica: «E subiu aos céus, onde está sentado à mão direita de Deus Padre, Todo Poderoso, donde há-de vir no fim do Mundo, julgar os vivos e os mortos».

Mas, de acordo com o desenrolar dos factos divinos, bem sabemos, pelas preciosas revelações do Espírito de Profecia, que desde o ano de 1844 o nosso Divino Salvador entrou no lugar santíssimo do Santuário Celestial.

Sempre amoroso e cuidando do Universo, é evidente que os seus pensamentos se estendem, diligente e providencialmente, através das vicissitudes da História.

Nem mesmo podemos imaginar que o seu divino pensamento tenha podido olvidar, por um só momento, este pobre mundo, pelo qual deu perante todo o Universo, a maior dádiva que jamais se poderia imaginar.

Diante do seu olhar que abarca o infinito, perpassa como num caleidoscópio, mas devidamente ordenado, todo o desenrolar dos acontecimentos que constituem a seriação da História.

Podemos pensar no nosso Salvador, revestido das suas vestes de Sumo Pontífice — o único e verdadeiro Sumo Pontífice que enche o Universo — desempenhando as suas sacrossantas funções de único Intercessor, mediano e Juiz da Humanidade.

Há um pensamento que sobreleva todos os outros e que constitui, inefável e infalivelmente o fulcro de todos os outros que perpassam, num ápice, perante a sua inteligência divina. Este pensamento, que

constitui a preocupação suprema e máxima da sua providência, centraliza-se no remate da sua vida terrena, nesse fecho admirável de cúpula que se iniciou na humildade do presépio de Belém e que escreveu depois os capítulos admiráveis de Gólgota, do Calvário e da Ascensão.

O pensamento que hoje domina o nosso Salvador é o da Sua vinda, dessa Vinda que há-de constituir o acontecimento supremo da Humanidade.

Hoje, neste mesmo momento em que o Senhor Jesus se encontra no lugar Santíssimo, desempenhando as augustas funções de Sumo Pontífice, o seu grande e acarinhado pensamento é o da Sua Vinda.

Assim o temos bem indicado na carta aos Hebreus: «Mas este (o nosso Sumo Sacerdote) havendo oferecido um único sacrifício pelos pecados, está sentado para sempre à dextra de Deus, daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés». (Hebreus 10:12, 13).

É evidente que os seus inimigos só serão postos como escabelo dos seus divinos pés, após a Sua gloriosa Vinda, quando se manifestar no esplendor da sua glória.

Jesus está pensando, agora mesmo, em todos os graves problemas que atormentam a Humanidade. Melhor do que todos os políticos deste pobre mundo, conhece Ele todos os problemas assim como as suas exactas soluções. É a Sabedoria incriada, a Inteligência Infinita, para quem não há mistérios nem segredos de nenhuma espécie. Neste momento está contemplando a depravação que vai alastrando por todo o mundo e que Ele previu, há quase dois mil anos, quando disse que as condições actuais do Mundo seriam como as do tempo de Noé.

Está, agora, a contemplar a imoralidade que vai campeando desenfreadamente, por

Continua na pág. 6

Traze... os livros...

S. Paulo

II Timóteo 4:13

Desde cedo adquirimos certos hábitos, que se manifestarão mais tarde na nossa vida de jovens e adultos. Uns, podem ser maus: beber, fumar, mentir roubar, etc. Outros, podem transformar-nos em pessoas de bem: estudar, trabalhar, ser honesto, obediente, ser ordenado, leitura, etc. Dizem-nos as Sagradas Escrituras que, «tudo o que o homem semear, isso também ceifarà». Gálatas 6:7.

Desejamos ocupar-nos, do último dos hábitos mencionados — a leitura. Devemos, no entanto, esclarecer que a leitura, embora a tivéssemos colocado entre os bons hábitos, só poderá permanecer nesta lista, quando procuramos «tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama». Filip. 4:8. No aspecto doutrinário, sigamos o exemplo de Paulo, quando nos recomenda para «examinar tudo, retendo o bem». (I Tess. 5:21).

Paulo devia possuir, como todo o cristão, o hábito da leitura, pois quando se encontra em Roma, pede ao seu jovem discípulo — Timóteo — para lhe trazer os livros, principalmente os pergaminhos.

Fala-se, por vezes, na falta de tempo para ler. Andam todos tão atarefados, tão preocupados, com o tempo tão cheio de actividades, que pouco tempo há para dedicar à leitura.

Esquecemos, por vezes, quantas horas dispomos cada dia, cada semana, cada ano e desperdiçamos, muito tempo.

O ano com os seus 12 meses, 365. dias e 52 semanas, dá-nos 8760 horas, 525.600 minutos e 31.536.000 segundos. Se nos fosse possível criar o hábito de ler umas 200 palavras por minuto, durante 15 minutos diários, chegaríamos ao fim do ano, com a bonita soma de 1.095.000 palavras lidas num ano.

Que representará, tão grande número de palavras?

Um livro médio, para adultos, tem aproximadamente 75.000 palavras e, assim, te-

riamos possibilidade de ler aproximadamente 15 livros.

Como poderíamos aumentar os nossos conhecimentos, melhorar a nossa vida, contribuir para uma melhor compreensão do mundo em que vivemos, se a todos fosse possível dizer: «Durante este ano li 15 bons livros».

Um afamado médico, Sir William Osler, depois de um dia cheio de trabalho, ia para a cama às 11 h. e lia sempre até às 11.15. De tarde deitava-se às 14 h. e lia sempre até às 14.15. O hábito estava de tal maneira formado, que lhe era impossível adormecer, sem ler.

A Bíblia, o livro por excelência

Se aplicarmos, o convite para a leitura em geral, às Sagradas Escrituras, o resultado que vamos obter, será ainda maior. Os livros em geral, nos podem proporcionar ensinamentos para esta vida, a Bíblia alcança dois fins imediatos — a preparação para uma vida melhor aqui, e para a Vida Eterna. Os 66 livros que a compõem, dividem-se em 1189 capítulos e 31 173 versículos.

Quão grande privilégio possuímos hoje, de ter livros, Bíblias em tão grande quantidade e tão aperfeiçoados.

Uma Bíblia completa, em rolos, como os que foram encontrados junto do Mar Morto, era impossível de transportar por uma pessoa, e em dinheiro, seria necessária uma pequena fortuna para a adquirir.

Desde que Gutemberg, imprimiu pela primeira vez em 1455 as Sagradas Escrituras, uma nova época surgiu para a humanidade. Imperava, ainda, a proibição de 1229, do Concílio de Toulouse que dizia: «Nós proibimos que se permita aos leigos de ter os livros do Antigo e Novo Testamento». ¹

No Século passado, quando as Sociedades Bíblicas começaram a sua actividade ainda se dizia: «Aquela Sociedade vulgarmente chamada Bíblica, espalha-se auda-

ciosamente por toda a terra, e contrariando a tradição dos Santos Pais, contrariando o célebre decreto do Concílio de Trento que defende a vulgarização da Sagradas Escrituras, ela está publicando traduções em todos os idiomas da terra. Alguns de nossos antecessores fizeram leis para prevenir este mal; e nós também, para nos desempenharmos do dever apostólico, nós convidamos os pastores a defender cuidadosamente o seu rebanho destas pastagens mortais». ²

À Palavra de Deus, era chamada «pastagens mortais». Os anos passaram e, hoje, as palavras que ouvimos são completamente opostas.

O Papa João XXIII dizia: « É hoje um facto imperdoável para um cristão que se respeita, ignorar o conteúdo do Livro Santo ».

Paulo VI disse: «Um retorno à Bíblia é necessário. Nunca será demais recomendar manter a nossa fé viva bebendo desta fonte prodigiosa». Há muitos anos, E. G. White dizia: «As Escrituras Sagradas são a perfeita norma da verdade, e, como tal, a elas se deve dar o mais alto lugar na educação.

No ano de 1962, a Sociedade Bíblica anunciava terem sido distribuídos ou vendidos 31.509.821 cópias de Bíblia, Testamentos e outras selecções, em 1.200 línguas. Em 1968, anunciava que, somente do Novo Testamento em edição moderna haviam sido vendidos nos últimos 17 meses (nos Estados Unidos unicamente) 9.300.000 de exemplares, isto é, mais ou menos 13.000 por dia.

Estamos vivendo numa época extraordinária da história do mundo. Aos nossos ouvidos deve ecoar a ordem do Mestre, para «IR E ENSINAR», mas também não devemos descurar, a nossa própria preparação.

Grandes homens se têm debruçado, diariamente sobre a Bíblia. Dela buscando orientação, inteligência e sabedoria para as suas tarefas. Conta-se que uma visita, tinha um encontro marcado com o Presidente Lincoln, dos Estados Unidos. Essa entrevista estava marcada para as 5 h. da manhã, e como chegou 15 minutos antes, sentou-se esperando. Ouvindo barulho no escritório, pergunta:

— Quem está com o Presidente?

— Não está ninguém com ele, foi a resposta. O Presidente está lendo a sua Bíblia. Ele faz isso cada manhã, entre as 4 e 5 horas». ³

David Levingstone aos 9 anos recebe de prémio um Novo Testamento, por ter recitado, de cór o Salmo 119. João Ferreira de Almeida, aos 14 anos começa a traduzir os Evangelhos para Português.

Que faremos nós das 8760 horas do ano? Dediquemos 15 minutos diários à leitura deste maravilhoso livro e ao fim dum ano, terão passado por nós — a história, a profecia, a poesia, o relato, etc.

Nalgumas terras, chamam aos Adventistas o «povo do Livro». Vamos merecer, também nós, esse título?

J. ALEGRIA MORGADO

1) *La Bible Rocher des Siècles*, pág. 33 — G. Cross

2) *Idem*, pág. 38

3) *Signes Of Times*. Nov. 1963

Jesus está pensando na Sua próxima Vinda

Continuação da pág. 4

toda a parte, assim como a irreligiosidade, tudo isto sinais dos últimos tempos, dos tempos da sua gloriosa Vinda.

Por isso, hoje, agora mesmo, o supremo pensamento do nosso Divino Salvador se dirige para aquele grande dia, o dia previsto pelos profetas, o dia do grande ajuste de contas, o dia em que o Supremo Juiz voltará, revestido e circundado de glória para restabelecer o seu Reino que se estenderá por toda a eternidade.

E não havemos nós, prezados Irmãos e Irmãs, de consagrar a nossa vida, os nossos melhores esforços, a colaborar com o nosso Salvador para apressar a Sua gloriosa Vinda?

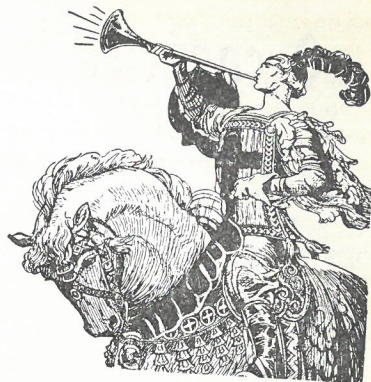
Não há dúvidas de que o pensamento dominante de Jesus, aquele que ocupa o centro de todos os seus pensamentos é o da Sua Segunda Vinda, conforme prometeu, solenemente, empenhando a sua palavra honrada e divina.

Esforcemo-nos, pois, por abreviar a Volta triunfante do nosso Divino Salvador, esforçando-nos na medida da nossa capacidade e daquilo que Deus requiere de nós.

Página

da

Juventude



Dignos de Confiança

Todo o jovem deveria perguntar a si mesmo se seus amigos podem depender de suas promessas. Em caso negativo, faria bem em cuidar devidamente daquilo que promete, e, uma vez dada a sua palavra, mantê-la a todo o custo, caso o que prometeu seja digno.

Certa tarde, na Irlanda, três jovens passeavam numa praia.

— Vamos nadar, colegas! exclamou um deles.

— Sim! gritou entusiasmado outro, atirando o seu boné para cima. E você, Artur, tem alguma objecção?

O rapaz a quem se dirigiu a pergunta era sardento, de olhos azuis e cabelo rebelde, que lhe cobria parcialmente a fronte. Titubeou um pouco antes de responder, e em seguida, disse:

— Não, não tenho nenhuma objecção. Penso que seria bom ir nadar; mas prometemos ao senhor Good que iríamos cavar as covas em seu terreno para plantar, e devemos cumprir a nossa palavra.

— Ora, Artur, deixe-se de tolices, você que é filho de nobre, vai abrir covas na propriedade de um pobre homem?

— Mas, nós prometemos, disse Artur; e, além disso, ele é um soldado veterano. Eu quero ser soldado, e um soldado sempre está no seu pôsto de dever.

— Ah! murmuraram os seus companheiros. Fala como se fosse sua obrigação cuidar do jardim de um velho. Nós iremos ao rio.

— E eu, acrescentou Artur, cumprirei a minha palavra. Poderei ir nadar mais tarde.

— Desejamos-lhe muitas felicidades em seu empreendimento, disseram finalmente seus colegas, enquanto se dirigiam para o lugar em que os alunos do colégio de Dublin costumavam ir nadar.

Por sua vez, Artur dirigiu-se para a rústica construção de madeira, na qual um senhor idoso com uma muleta e uma perna artificial lhe deu as cordiais boas-vindas.

— Vejo que não se esqueceu de um velho soldado, observou, como alguns jovens às vezes fazem.

— Procuro cumprir minha palavra em todas as ocasiões, respondeu Artur, e de maneira alguma poderia esquecer o soldado que gloriosamente perdeu sua perna na batalha de Culloden.

O ancião fitou os olhos no semblante corajoso e sério rapaz, e alguma coisa o impeliu a dizer:

— Jovem, um dia você será um grande homem. A resolução, trabalho árduo e a fidelidade ao dever levam qualquer pessoa ao êxito.

Com palavras tão animadoras a soarem-lhe aos ouvidos, Artur tirou o paletó e começou a trabalhar. Não estava acostumado a trabalho tão árduo, razão pela qual depois de uma hora começou a sentir-se cansado. Doíam-lhe as mãos e as costas e estava coberto de poeira da cabeça aos pés. Continuou, porém, no trabalho até terminá-lo.

E naquela mesma tarde — uma tarde notável na carreira daquele jovem estu-

Continua na pág. 12

O carácter de Deus revelado em Cristo

Disse o Salvador: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». S. João 17:3. E Deus declarou por meio do profeta: «Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas: mas o que se gloriar glorie-se nisto: em Me conhecer e saber que Eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na Terra; porque destas coisas Me agrado, diz o Senhor». Jer. 9:23 e 24.

Homem algum, sem auxílio divino, pode atingir a esse conhecimento de Deus. O apóstolo diz que «o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria». I Cor. 1:21. Cristo «estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu». S. João 1:10. Jesus declarou aos discípulos: «Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho O quiser revelar». S. Mat. 11:27. Naquela última oração por Seus seguidores, antes de penetrar nas sombras do Getsêmane, o Salvador elevou os olhos ao céu, e em piedade para com a ignorância dos homens caídos, disse: «Pai justo, o mundo não Te conheceu; mas Eu Te conheci». «Manifestei o Teu nome aos homens que do mundo Me deste». S. João 17:25 e 26.

Desde o princípio tem sido plano estudado de Satanás fazer com que os homens se esqueçam de Deus, de modo a assenhorear-se deles. Daí, tem procurado desfigurar o carácter de Deus, levar os homens a nutrir a Seu respeito uma falsa concepção. O Criador tem sido apresentado ao espírito deles revestido com os atributos do próprio príncipe do mal — arbitrário, severo, inexorável — para que fôsse temido, evitado, e mesmo odiado pelos homens. Satanás esperava confundir por tal forma a mente daqueles a quem havia enganado, que excluíssem a Deus de suas cogitações. Então apa-

garia a imagem divina no homem e imprimiria sua própria semelhança na alma; faria com que os homens se possuíssem de seu próprio espírito, escravizando-os à sua vontade.

Foi mediante a falsificação do carácter de Deus e o excitar desconfiança contra Ele, que Satanás tentou Eva a transgredir. Devido ao pecado foi a mente de nossos primeiros pais obscurada, degradada sua natureza, e suas concepções acerca de Deus foram moldadas por sua própria estreiteza e egoísmo. E à medida que os homens se tornaram mais ousados no pecado, o conhecimento e o amor de Deus se desvaneceram da mente e do coração deles. «Porquanto, tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus», «em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu». Rom. 1:21.

Por vêzes a contenda de Satanás em busca do controlo da família humana parecia coroada de êxito. Durante os séculos que precederam o primeiro advento de Cristo, o mundo parecia quase inteiramente sob o domínio do príncipe das trevas, e ele governava com poder terrível, como se por meio do pecado de nossos primeiros pais os reinos do mundo se houvessem tornado de direito propriedade sua. O próprio povo do concerto, a quem Deus escolhera para preservar no mundo o Seu conhecimento, tanto se apartara dEle, que perdera toda a verdadeira concepção de Seu carácter.

Cristo veio a fim de revelar Deus ao mundo como um Deus de amor, pleno de misericórdia, ternura e compaixão. A espessa escuridão com que Satanás se esforçara por circundar o trono da Divindade, foi dissipada pelo Redentor do mundo, e o Pai mais uma vez Se manifestou aos homens como a luz da vida.

Quando Filipe foi ter com Jesus, pedindo: «Mostra-nos o Pai, o que nos basta», o Salvador respondeu-lhe: «Estou há tanto tempo convosco, e não

Continua na pág. 12

Cristo e o Sábado

*Não houve mudança
alguma com relação
ao dia de descanso
mencionado na Bíblia.*

Tendo-se cumprido o tempo veio o Filho do homem a este mundo e habitou em «carne do pecado». O Criador dos mundos, o representante de Deus, o Senhor do sábado Se fez Filho do homem, e pela Sua vida de uma obediência perfeita à Lei serviu de exemplo a todos os homens.

Cumpriu-se em Sua vida a palavra divina, proferida mil anos antes por David: «Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus meu: sim, a Tua lei está dentro do meu coração». Salmo 40:8. Revelou Ele ao homem o carácter de Deus, como O devemos servir, e cumpriu deste modo a predição de Isaías, que Cristo engrandeceria e glorificaria a Lei. Isaías 42:21.

No tempo em que nosso Senhor Jesus Cristo tomou o Seu lugar entre os homens, a Lei de Jeová, ensinada conforme os rabinos israelitas, era mais um anátema que uma bênção para a humanidade. Repleta de tradições desaparecia sob as instituições humanas que a envolviam. Este facto se apresentava principalmente no que respeitava ao sábado, pelo que Jesus fez disso tarefa, ilustrar de maneira frisante a perfeita observância desse dia. Um autor, tratando desta questão, diz o seguinte: «Encontraremos que o Salvador nunca deixava passar despercebida ocasião em que pudesse corrigir opiniões erróneas acerca da guarda do sábado, e que intencionalmente escolhia esse dia para nele praticar obras de misericórdia. Veremos mais, que uma parte não diminuta de Seus ensinamentos, durante o Seu ministério, consagrou para bem esclarecer como deve ser observado o dia de Sábado». Leia S. Mat. 12:1-13; S. João 5:1-16; 9:1-14.

Sem cairmos em exagero podemos mesmo afirmar, que as verdades relativas ao Sábado, repetidas vezes acentuadas por Jesus, foram entre o Seu povo, um dos capitais motivos que concorreram para Sua condenação à morte. João 5:18.

Desde o dia em que Jesus começou a pregar a singela, mas preciosa verdade evangélica do sábado, no Seu caminho a cruz lançou sua sombra. E isso é tanto mais compreensível se considerarmos que as bênçãos do Sábado são importantíssimas para o povo de Deus, razão porque é um dos principais intentos do príncipe do mal o interrogá-lo. Uma tenaz oposição ao sábado verdadeiro foi sempre movida por aquele que desde o princípio tentou por todos os meios ao seu alcance suprimir o governo do Céu.

Mas conquanto Jesus tenha sempre encontrado resistência no que respeita a uma recta e estrita observância do sábado, o dia em si mesmo nunca se tornou uma questão primordial de debate ou discussão. O dia que o Senhor observou era o mesmo observado por Seu povo, isto é: o sétimo dia da semana, o sábado do quarto mandamento.

Se contemplarmos sob os mais diversos prismas a vida do Senhor, veremos desde logo que a observância do sábado Lhe era um dos mais essenciais preceitos na peregrinação por este mundo! «E chegando a Nazaré, onde fora criado, num dia de sábado, segundo o Seu costume, entrou na sinagoga e levantou-Se para ler». Luc. 4:16. Logo após haver iniciado o Seu ministério Ele se denominara o Senhor do sábado, criado para o homem e que era por Ele observado. Marc. 2:28.

Como Senhor e criador do sábado, acentuou o facto de que a estrita observância desse dia era uma das primordiais exigências da Lei máxima, da qual era e é o sábado uma parte importantíssima. Quando O acusaram de haver curado enfermos em

tempo ou dia consagrado, arguiu Ele: «É lícito no sábado fazer bem ou fazer mal? salvar a vida ou matar?» Marcos 3:4. «Logo é lícito fazer bem, aos sábados». Mat. 12:12. Assim Jesus elevou e glorificou a Lei, e quem haverá que nos exprobe o seguirmos o Seu exemplo?

Mas enquanto Jesus frequente e explicitamente demonstrava a verdade sabática, não temos relato algum que Ele haja instituído um novo dia de sábado. Nem isso era preciso. A Lei de Deus anunciada do alto do Sinai, por entre o ribombar do trovão foi uma Lei eterna, outorgada por Ele mesmo a todos os homens como sendo imutável para todo o sempre. É de notar também que Jesus habitou entre os homens não no carácter de legislador, mas sim como um fiel observador da Lei. João 15:10. Observando Ele sem mais modificações a Lei do sábado, concorre tal facto para em prestar maior realce em favor da legitimidade do quarto mandamento, conforme fora anunciado no Sinai. Desejava Jesus ensinar ao povo que Ele não veio derrogar ou modificar a Lei. Cada til das palavras santas devia permanecer tanto tempo quanto os céus e a Terra. Mat. 5:17-18.

Digno de atenção é também o facto de que Jesus não somente ensinou e santificou o sábado enquanto viveu, mas também se mostrou cioso para que ele fosse observado após a Sua volta ao Pai. Falando da destruição de Jerusalém, facto este ocorrido no ano 70 A. D., disse: «E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem em sábado». Mateus 24:20. Por outras palavras: Ele ensinou a Seus filhos, para que em Seu nome orassem, implorando-Lhe socorro para os habilitar na observância do sábado nos dias difíceis que viriam quase quarenta anos após a Sua crucificação. E, acreditais, estimado leitor, que Ele não haja atendido às suas orações, apresentadas em harmonia com a Sua augusta Palavra? A história da destruição de Jerusalém demonstra, que aos filhos de Deus no que respeita ao sábado adveio poderoso auxílio.

Com a Sua vida Jesus selou a concordância divina com a fiel observância do sábado. Nesta como em outras partes de Sua obra Ele nos deu um exemplo. Mas não somente pela Sua vida teve o sábado seus foros de santo e eterno, mas também pela Sua morte Ele ratificou o elo que os ligava

mútuaamente. O sangue no Gólgota confirma o concerto existente, e o novo concerto é: a Lei de Deus escrita em nossos corações. Heb. 8:10. Com a mesma certeza de que Jesus morreu na cruz, certo é também que o sábado do Senhor faz parte integrante da grande obra que pelo Espírito Santo se opera na vida humana. Por isso todos os que viverem sob o novo concerto, não deixarão também de jubilosa e sinceramente estar concordes com o santo sábado de Deus.

Em conexão com isso podemos ver, facilmente, que antes da crucificação de Cristo nenhuma mudança do mandamento sabático, se podia operar sem consentimento divino. Tendo, porém, sido vertido o sangue e confirmado o concerto, as exigências deste concerto permaneceram para sempre as mesmas. Hebr. 10:16:17; Gálatas 3:15. Tendo o sábado permanecido imutável até à morte de Jesus, e sendo ele parte integrante da Lei máxima, tem, ipso facto, de permanecer, enquanto tal lei existir. — TRANSCRITO.

O DIA DE NATAL

*O Dia de Natal! que de doçuras
traz ele aos corações!*

*Por toda parte há festas e venturas;
há música no espaço em meio aos carrilhões!*

*Um Deus Menino em dom à humanidade!
— supremo dom que excede a compreensão.
E ante o mistério dessa humana Divindade
a mente pensa e vibra o coração!*

*O coração! — nos pede esse Menino
que sem um berço aqui nasceu;
aí quer aninhar-Se esse Infante divino
no coração — no teu, no meu!*

*Um pouso negaremos a Jesus agora,
com tanta indiferença e tal desdém,
como o fizeram homens maus outrora?
Oh não, Jesus! A mim agora vem!*

Isolina Waldvogel

BOLETIM ADVENTISTA

O NATAL DE JESUS

A Cristandade celebra o Natal de Jesus, isto é, a comemoração de seu nascimento, de 24 para 25 de Dezembro. Trata-se de uma data que adquiriu foros tradicionais, mas que não corresponde à realidade. Astrónomos, historiadores e teólogos são, hoje, unânimes em afirmar que o dia 25 de Dezembro do ano zero, não corresponde à data autêntica do nascimento do Salvador. Esta data foi apresentada pelo monge cita Dionísio o Pequeno, ou Dionísio o Exíguo, que viveu no século quarto. Estava ele em Roma, quando no ano de 353 recebeu o encargo de determinar qual devia ser o princípio da nova era. Esqueceu-se porém, de levar em conta o ano zero, que devia ser intercalado entre o ano primeiro, antes, e o ano primeiro depois de Jesus Cristo; também deixou de contar os quatro anos em que Augusto reinara com o nome de Octávio, que era o seu nome próprio. Temos portanto um erro inicial no cômputo dos anos para a determinação do nascimento de Jesus.

A Sagrada Escritura diz-nos: «Tendo, pois, nascido Jesus, em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes». (S. Mat. 2:1).

Sabemos quem era Herodes, quando viveu e reinou; foi nomeado rei de Judá, no ano 40 antes de Jesus Cristo; sabe-se que morreu no ano 4, antes de Jesus Cristo; portanto, o Salvador deve ter nascido, antes deste ano.

O dia 25 de Dezembro é mencionado pela primeira vez, como festa de Natal, no ano de 354. Foi reconhecido legalmente, dia festivo, pelo imperador Justiniano.

Para a escolha deste dia desempenhou papel preponderante uma festividade da Roma pagã, que comemorava, precisamente, no dia 25 o «dies natalis invicti», isto é, o «dia do nascimento do invicto», que era o dia do solstício do inverno. Neste dia, que era o último das Saturnais, toda a cidade de Roma treslucava em orgias carnavales-

cas; era mesmo o Carnaval, que consistia em toda uma semana de desenfreamento.

O Natal de Jesus, não foi nem a 25 nem em Dezembro.

Jesus nasceu para nos salvar: foi o seu primeiro advento.

«Veio para os seus, e os seus não o receberam». Nasceu humilde e desconhecido de todos.

Mas o Senhor voltará; prometeu; cumprirá, como sempre a sua palavra divinamente honrada.

Agora, nestes dias que a cristandade recorda o doce nascimento do Salvador, recordemos também, o grande amor que tal acontecimento encerra.

«A história de Belém é inexaurível. Nela se acham ocultas «as profundidades das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus». Maravilhamo-nos do sacrifício do Salvador em permutar o trono do céu, pela manjedoura, e a companhia dos anjos que O adoravam pela dos animais da estrebaria. O orgulho e a presunção dos homens ficam repreendidos na sua presença. Todavia, esse passo não era senão o princípio da sua maravilhosa condescendência... «Deus permitiu que seu amado Filho viesse a este mundo, como uma impotente criancinha, sujeita à fraqueza da humanidade... Nisto está o amor! Maravilhai-vos ó céus! e assombrai-vos ó terra!» (O Desejado de Todas as Nações, cap. IV).

Alegremo-nos no Senhor pela dádiva preciosa do Seu divino Filho; mas alegremo-nos principalmente, pela iminência da Sua Segunda Vinda. Vivemos, agora, na plenitude dos tempos. Tanto quanto foi humilde o Seu primeiro Advento, assim será glorioso o Seu Segundo Advento. Tudo nos indica que o Senhor já está às portas; já está no limiar; já tem a mão no trinco...

«Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amén. Ora vem Senhor Jesus.

Dignos de Confiança

Continuação da pág. 7

dante — teve, ao regressar para casa, a oportunidade de revelar outro aspecto de seu heroísmo genuíno.

Uma sumptuosa carruagem, dirigida por um condutor com uniforme típico, deslizava rapidamente por uma das ruas de Dublin, quando de repente, sem causa aparente, os cavalos se assustaram e começaram a galopar. Para infelicidade, uma das rédeas cedeu ao esforço do cavaleiro para detê-los e partiu-se em duas.

O quadro do condutor indefeso, o rosto de uma menina e um cavalheiro de meia idade, parecido com o seu pai, a pesada carruagem que desenvolvia cada vez maior velocidade, o ressoar dos cascos sobre o pavimento, tudo contribuía para que os transeuntes fugissem em defesa de sua vida.

Cheio de coragem, porém, Artur lançou-se como um galgo ao encontro dos frenéticos cavalos e, tomando as rédeas, lutou para detê-los. Foi atirado de um lado para outro, mas manteve-se firmemente seguro a elas. Pouco depois conseguiu diminuir-lhes a marcha e, finalmente, deteve-os.

Ao descer, o condutor abriu uma portinhola da carruagem, da qual desceram também o cavalheiro e sua filha. Ao ver o rapaz, exclamou:

— Você não é o filho do meu amigo, o conde de Morington? Você salvou a nossa vida e mostrou-se um herói! Sou Lord Longford e esta é minha filha, Catarina Pekenham. Jovem, renuncio grandes coisas para você. A Inglaterra não poderá abrigar sua glória. E, olhando-o firmemente nos olhos brilhantes acrescentou: Depois de morto, você dormirá com os grandes da Inglaterra.

Estas palavras cumpriram-se, pois o jovem Artur tornou-se o Duque de Wellington, o marechal que venceu Napoleão, e que recebeu as mais altas honras que a Inglaterra já concedeu aos seus heróis. Mas em toda a sua vida, destinada a alcançar as mais altas glórias terrenas, nunca demonstrou maior honradez do que quando cumpriu a palavra dada ao velho soldado, e salvou a vida ao Lord Longford e sua filha, com o risco da sua própria. — *Juventud.*

.. Vede como o Eterno é bom...

Continuação da pág. 3

que sejam vermelhos como o carme-zim, se tornarão como a branca lã». (Isaías 1:18).

Assim, quando consideramos atentamente, os acontecimentos que até hoje marcaram a nossa vida, não poderemos deixar de notar tantas e tantas provas de bondade e de solicitude divinas a nosso respeito. Sabemos que o nosso Pai celeste não nos deixou sós neste mundo tempestuoso. Ainda agora quer Ele que saibamos que nos concedeu mais um ano de vida, para termos a certeza de que nos ama e de que nos perdoou, e que, por antecipação, estamos sentados com o nosso Salvador nos lugares celestiais: «Mas Deus que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou, juntamente com Cristo (pela graça sois salvos); e nos ressuscitou juntamente com Ele, e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus, para mostrar, nos séculos vindouros, as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus». (Efésios 2:4-7).

Prezados irmãos! Que o Ano Velho que vai findar sepulte tudo o que é próprio do homem velho, para que, como homem novo, nos aprontemos, cuidadosa e diligentemente, para a Vinda gloriosa do Senhor Jesus — cujo dia e hora não sabemos, mas que tudo nos indica estar iminente.

O caráter de Deus revelado em Cristo

Continuação da pág. 8

Me tendes conhecido, Filipe? quem Me vê a Mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai?» S. João 14:8 e 9. Cristo declara-se enviado ao mundo como representante do Pai. Em Sua nobreza de caráter, em Sua misericórdia e terna piedade, em Seu amor e bondade. Ele Se acha perante nós como a encarnação da perfeição divina, a imagem do Deus invisível.

*Ellen G. White, T. S. Vol. II,
págs. 334-336*



O Canto Cristão - I

HUGO DARIO RIFFEL

Não há dúvida de que o canto cristão seja herdeiro directo do hebraico, e suas raízes nos levam aos Salmos e outros trechos musicais do Velho Testamento.

As referências acerca do canto ritual nos primeiros tempos da Igreja Cristã não são muito abundantes, ⁽¹⁾ o que levou alguns a opinar que a música estava prosrita nos cultos da Igreja primitiva. Não obstante, podemos reconhecer quatro fontes de informação para assegurar-nos que efetivamente se cantava naquele tempo. Ei-las:

1. O Novo Testamento
2. O Espírito de Profecia
3. Os Escritos dos Pais da Igreja
4. A História Secular

Vejamos algumas condições. Por exemplo: Os apóstolos Tiago e Paulo aconselhavam os fiéis a cantar; Santo Inácio escreve aos efésios: «Formai todos um côro, para que, fusionando-vos em concórdia e tomando a nota dominante de Deus, possais cantar em uníssono ao Pai, através de Jesus Cristo». Plínio, protector da Bitínia, no ano 109 escreveu ao imperador Trajano acerca dos costumes cristãos, e menciona que se reúnem ao amanhecer, num dia determinado, «para se revezarem em cantar um hino a Cristo como Deus».

A forma mais antiga de canto cristão é a salmodia; no entanto, por falta de comunicação entre as diversas congregações, cada grupo tinha seus cânticos. Havia quatro maneiras diferentes de cantar:

1. Canto Antifonal, em que a congregação se divide em dois sectores que cantam alternadamente.
2. Canto responsorial, no qual o solista se alterna com os fiéis.
3. Solo salmódico: O solista canta um salmo; é como uma espécie de recitativo.
4. «Indirectum» — assim se denomina o denada a música cristã, pela genial obra

canto congregacional. Não sabemos como eram as melodias, mas por analogia com as escolas hebraica e grega dominantes, supõe-se que o canto era silábico, severo e monótono. Os instrumentos foram excluídos da liturgia para diferenciá-la dos cultos pagãos; e as vozes femininas também são excluídas no quarto século.

Os hinos cristãos primitivos são os hinos de uma igreja perseguida, no entanto, tudo neles era alegria, amor, fé e esperança; nunca aparece uma nota triste. Além disso, são hinos de carácter universal, procedentes duma época que não fazia distinção de credos ou seitas. Vejamos os três mais importantes: 1) «Tersanctus» ou «Trisagion»; baseado em Isaías 6:3. «Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a Terra está cheia da Sua glória». Já era cantado na liturgia hebraica. Provavelmente foi modificado no Século III, subsistindo a versão cristã que todos conhecemos. 2) «Glória in Excelsis»: É o canto dos anjos na noite do nascimento do Salvador. Chama-se «Doxologia Maior». 3) «Te Deum Laudamus»: É o mais sublime de todos, e uma espécie de salmo de louvor, dignidade e grandeza não superados.

O centro mais importante da música cristã primitiva é a cidade de Antioquia. Encontrava-se ali a origem do canto antifonal. Santo Inácio, que vivera nessa cidade, foi um grande propagador do uso dos hinos. Há uma porção de compositores de hinos gregos nos primeiros séculos da Igreja Cristã, sobressaindo três monges do mosteiro de Mar Saba, situado num lugar deserto. São eles: Cosmas, Estêvão e João Damasceno. Do último ainda são cantados dois hinos.

No Século VI, porém, foi codificada e orde Ambrósio, bispo de Milão. Introduziu o

Continua na pág. 15

Notícias do Campo

Novos Lares Adventistas em Nova Lisboa

No dia 27 de Setembro, foi celebrado na nossa Igreja o casamento dos nossos prezados irmãos Palmira Luisa Paiva Ramos Correia e Dinis Dias de Moraes. A cerimónia presidiu o Dr. Roy Parsons.

Uma semana depois, no dia 4 de Outubro, tivémos mais uma vez a satisfação de ver dois dos nossos jovens se uniram através dos laços matrimoniais. Trata-se dos nossos prezados irmãos Maria de Fátima Duarte e Fernando Edmundo Seixas da Silva. Presidiu o Pastor Armando Casaca que proferiu uma tocante alocução.

Que Deus derrame abundantemente sobre estes novos Lares Adventistas as suas mais preciosas bençãos.



*Os irmãos Maria de Fátima Duarte e
Fernando Edmundo Seixas*



*Os irmãos Palmira Luisa Paiva Ramos
Correia e Diniz Dias de Moraes*

Congresso espiritual da Igreja de Maçamedes

Foi no passado dia 6 do mês de Novembro, que se deu início às reuniões de reavivamento espiritual na Igreja de Moçamedes. Como delegado a estas reuniões estive presente o Pastor Juvenal Gomes e sua Espôsa. Após a recepção de boas vindas a todos os presentes, o Pastor Gomes dirigiu-se à assistência tendo apresentado uma estimulante mensagem da Palavra de Deus! No sábado realizou-se o programa da Escola Sabatina e culto solene pelo Pastor Gomes. No período da tarde houve a cerimónia dos baptismos, e três almas deram o seu testemunho de fé em presença de um bom número de pessoas, que religiosamente assistiram ao acto, vendo-se lágrimas nos olhos de algumas pessoas, que

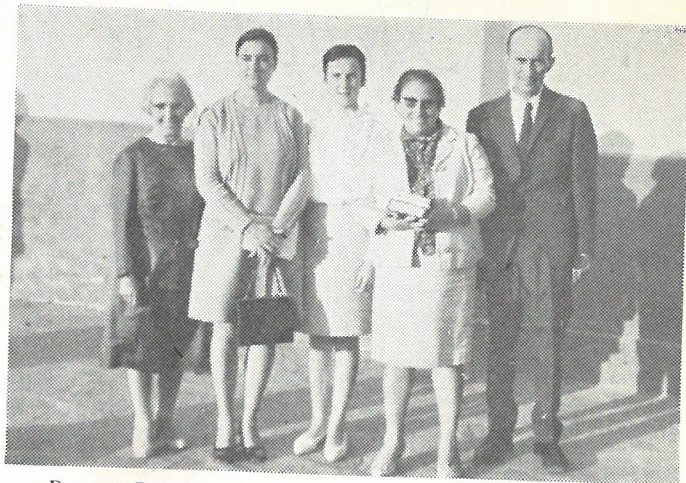
se comoveram em presença dêste testemunho! Nessa noite assistimos a uma conferência pelo obreiro local, e no dia seguinte continuaram as reuniões no período da manhã. À tarde foi levado a efeito um programa da Juventude havendo uma assistência razoável, havendo pessoas que vieram pela primeira vez e o mesmo sucedeu a outras reuniões nocturnas. E para finalizar deu-se encerramento ao Congresso com uma conferência de carácter solene pelo Pastor Gomes, tendo sido feito um apêlo aos corações para se entregarem a Cristo; e a este apêlo quinze almas se deslocaram respeitosamente próximo da tribuna tendo o orador proferido uma sentida oração a favor destas almas que manifestaram o seu desejo de seguirem a Cristo! Queira Deus avivar nos corações de todos as boas reuniões de reavivamento da fé que uma vez foi dada aos santos filhos de Deus! Que cada Congresso seja o símbolo do grande Congresso Celestial que se realizará através do convite que será feito por Jesus quando Ele voltar!

Américo J. Rodrigues

O Canto Cristão

Continuação da pág. 13

uso de quatro tons melódicos segundo o estilo grego, e por sua vez compôs e ensinou hinos aos fiéis de Milão. Apesar de conhecer-se pouco acerca do sistema e estrutura das melodias ambrosianas, temos certeza de que eram capazes de produzir nobres sentimentos. Escreve Santo Agostinho depois de havê-los ouvido pela primeira vez: «Como tenho chorado com teus Hinos e Cânticos, profundamente comovido pelas vozes de tua docemente melodiosa Igreja!» — *Confesiones*, IX, 6. Finalmente aparece em cena o Papa Gregório, o Grande, que ocupou o trono pontifício entre 590 a



Pastor Rodrigues e Esposa com os novos membros

604. Apesar de que nem tudo o que se atribui tradicionalmente a Gregório seja obra sua, é muito certo que foi o iniciador dum sistema, que depois, desenvolvido e aperfeiçoado, ocupa toda a Idade Média e constitui a base da música religiosa da Igreja Católica. Há numerosos autores de hinos na língua latina, destacando-se os três monges seguintes: Bernardo de Claraval, Bernardo de Cluny e Tomás de Celano. Este último, por volta do ano 1250, escreve o hino latino mais grandioso e descritivo, que tem inspirado os músicos e poetas de todos os tempos. É o famoso «Dies Irae».

Acompanhamos assim, de modo bastante sucinto, a fase inicial da música cristã, e seu desenvolvimento posterior. Talvez o ponto mais importante de todo o assunto seja encontrado nas palavras de S. Paulo aos coríntios: «... cantarei com o espírito, mas também cantarei com o entendimento» (I Cor. 14:15). Deus quer que nossas congregações retornem ao estilo daqueles templos distantes sem templos majestosos e órgãos sedutores, mas em que o importante era cantar com o «espírito» e com o «entendimento».

(1) Algumas referências bíblicas e do Espírito de Profecia, a respeito da música no Novo Testamento e a Igreja Cristã Primitiva:

S. Mat. 26:30; S. Mar. 14:26; Actos 16:25; Rom. 15:9; I Cor. 14:15 e 26; E. és. 5:19; Col. 3:16; S. Tiago 5:13; Apoc. 5:9; 14:3; 15:3.

Actos dos Apóstolos, págs. 35 e 214.

O Conflito dos Séculos (Nova Ed. Revista), pág. 41.

Educação, pág. 165.

O Desejado de Todas as Nações, págs. 51, 53 e 502.

Natal de 1970

*Pobre menino Jesus!
Homens e bois Te adoraram
e, mais tarde, numa cruz,
homens Te martirizaram.
Vinte séculos depois,
os homens, não melhoraram,
e ainda são mansos os bois...*

João Saraiva

*«Não temais: eis
aqui vos trago boa no-
va de grande alegria,
que será para todo o
povo: é que hoje vos
nasceu na cidade de
David o Salvador, que
é Cristo o Senhor».*

Lucas 2:10, 11



*Nesta quadra natalícia, quadra de Paz e de
Amor, mensagem de Redenção e Fraternidade; o*

BOLETIM ADVENTISTA

*deseja a todos os seus prezados Assinantes,
Leitores, Amigos e suas Excelentíssimas Famílias,
um Natal muito feliz e um Ano Novo muito aben-
çoado.*